

ENTREVISTA | JORGE NOGUEIRA

“Só economia salva governo Lula”

Equipe investiu em infraestrutura e fez tudo ao contrário da tradicional cartilha dos petistas

Rodolfo Borges
DA UNB AGÊNCIA

Os números indicam que a economia brasileira vive um bom momento. O Produto Interno Bruto cresceu 5,7% no trimestre e o número de empregos criados superou a quantidade de mão-de-obra disponível. Cerca de 20 milhões de brasileiros com mais de 16 anos migraram das classes D e E para a classe Cs. A explicação para a prosperidade está na política econômica do governo Lula, diz o professor Jorge Nogueira, do Departamento de Economia da Universidade de Brasília (UnB).

Nogueira diz que a conduta econômica do governo, temida por muitos antes das eleições de 2002 e 2006, deu certo exatamente por que o Palácio do Planalto fez o contrário do que apregoava antes dos pleitos.

— Não renegociaram a dívida externa, não mudaram o pagamento da dívida interna e não diminuíram o superávit primário. A equipe econômica do governo seguiu a cartilha mais ortodoxa que se possa imaginar — explica.

Em 2007, os investimentos estrangeiros no Brasil bateram recorde histórico, 20 milhões de pessoas migraram das classes D e E para a classe C e a taxa de desemprego caiu pelo sétimos meses consecutivos em novembro. A partir desses dados é possível dizer que o Brasil vive o melhor momento econômico da sua história?

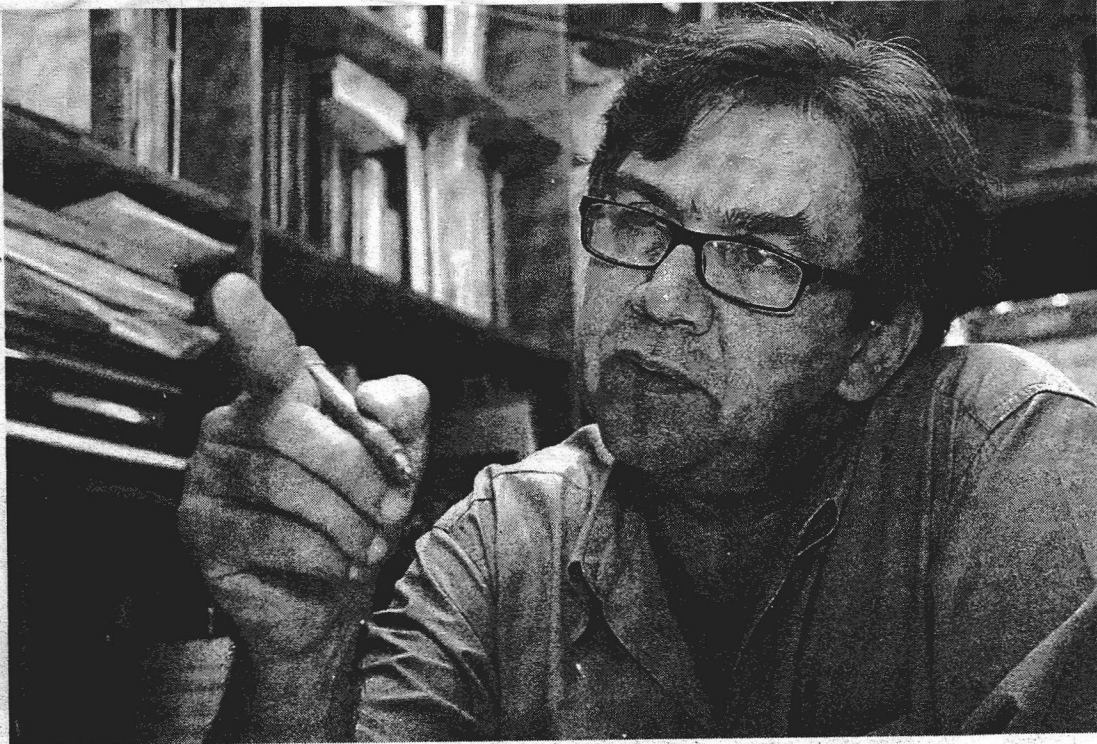
— Não. Entre 1930 e 1980, essa economia que crescerá 5% em 2007, crescia 7% ou 8%. O que acontece hoje com a China não se compara com o crescimento do Brasil naquela época. Nosso problema é que, desde a década de 1980, a economia tem altas e baixas. Durante esse tempo, nossa economia cresceu numa taxa que varia entre 2% e 3% — ridícula em termos históricos. A economia brasileira sofre, há 25 anos, da doença extremamente grave que chamamos de “o vôo da galinha”. Quando uma galinha tenta voar, sai correndo, decola e, depois de dar a impressão de que vai embora, ela cai.

Por que o país parou de crescer depois de 1980?

— Naquela época, o Estado brasileiro tinha dinheiro suficiente para fazer investimentos pesados com o objetivo de puxar o crescimento. Durante o período de 1930 a 1980, o Estado abriu boas estradas, construiu boas hidrelétricas e abriu boas siderúrgicas. O governo tinha sobra orçamentária para fazer a economia crescer e motivava o setor privado (nacional e internacional) a acompanhá-lo. Em 1980, com a crise da dívida externa, o Estado brasileiro faliu. O dinheiro que sobrava para fazer investimento passou a ser usado para pagar a dívida de credores nacionais e internacionais. Sem incentivo do governo, a iniciativa privada recuou.

A aparente prosperidade econômica brasileira indica que algo deve ter mudado nessa lógica. O que aconteceu em 2007?

— O aspecto positivo deste ano é o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Ele sinalizou à iniciativa privada que o governo iria, mais uma vez, puxar o crescimento. O setor privado parece ter acreditado e foi junto. Hoje, quem tem dinheiro para investir é o setor privado — as únicas exceções do setor público são a Petrobrás e o Banco do Brasil. Em 2007, retomamos um processo de cresci-



JORGE NOGUEIRA — economia deu certo porque o Planalto fez o contrário do que apregoava antes o PT

mento econômico liderado por empresas privadas. Com isso, podemos voltar a crescer mais de 5% ao ano durante vários anos. Isso se não repetirmos o vôo de galinha.

— Como evitar que isso se repita?

— É preciso investir em infraestrutura. Se crescermos 5% este ano, precisamos garantir oferta de energia elétrica suficiente para crescer mais 5% no próximo, senão seremos forçados a recuar para evitar um apagão. Para crescer no ano seguinte, nossas estradas precisam ter condições para escoar a produção ou vamos perder a produção em cima de caminhão. Além disso, os portos têm de ser ágeis o suficiente para exportar ou vamos ter uma fila de caminhões que começa em Paranaguá e termina no outro lado do Paraná à espera de navio. Ou reformamos tudo isso ou não vamos a lugar nenhum.

— O senhor acredita nessas mudanças? Qual é a sua expectativa?

— Em 2007, vamos crescer algo bem próximo de 5%. Mas até que as melhorias nas estradas e na área de energia aconteçam, não teremos como crescer nessa média durante quatro anos seguidos. Enquanto não surgir a hidrelétrica do Madeira (cujo leilão foi feito agora, o que significa que ela só começa a gerar energia em 2012), qualquer pretensão maior não se justifica. De 1994 a 2002, o governo Fernando Henrique não investiu nada em infraestrutura. Este governo, com todas as críticas que eu possa fazer a Lula — e ninguém é menos simpático à crise administrativa em que o Estado brasileiro se meteu com o governo do PT —, teve a competência de dizer que era necessário o investimento em infraestrutura.

— Pelo que o senhor diz, o governo Lula acertou justamente na área que mais assustava a parte da população que não o elegeu. Por que isso aconteceu?

— Qualquer equipe econômica sensata faria o que a equipe do governo Lula fez. Achávamos que ela não ia conseguir porque os xitas do PT não deixariam. Lula nos surpreendeu bancando uma equipe econômica que fez tudo ao contrário do que a cartilha petista dizia: não renegociaram a dívida externa, não mudaram o pagamento da dívida interna e não diminuíram o superávit

>> Perfil

Jorge Madeira Nogueira professor do Departamento de Economia da UnB desde 1983 é pós-doutor em Economia do Meio Ambiente pela Cornell University e doutor em Filosofia pela Universidade de Londres e mestre em Engenharia de Produção pela UFRJ. Diretor do Centro de Estudos em Economia, Meio Ambiente e Agricultura da UnB e do Centro Integrado de Ordenamento Territorial.

primário. A equipe econômica seguiu a cartilha mais ortodoxa que se possa imaginar, com os petistas tendo ataque. O (ministro da Fazenda Guido) Mantega faz o possível para alterar isso, mas sem sucesso, porque o que resta de bons economistas no Ministério da Fazenda está resistindo. Isso qualquer governante responsável faria.

— Analistas consideram que o crescimento brasileiro é fruto de um contexto mundial muito favorável. Ou seja, o país crescerá independente da política econômica nacional. A prosperidade também é fruto de uma calma internacional?

— O mundo esteve muito mais próspero nos anos anteriores do que está neste e não crescemos assim no passado. Não nego a importância da prosperidade mundial, mas o Brasil não foi a lugar nenhum em 2004, 2005 ou 2006. Os maiores estímulos para o crescimento brasileiro deste ano foram internos. E, em 2006, os maiores estímulos para o pífio crescimento foram externos. Em 2007, a taxa de câmbio que prevaleceu não incentivou a exportação. As exportações, que vinham subindo, caíram este ano. Há dois anos, um produto nosso vendido no mercado internacional por US\$ 1 mil valia R\$ 2,8 mil para o produtor brasileiro. Hoje, vale R\$ 1,8 mil. Essa taxa de câmbio não incentivou ninguém a exportar. Só não paramos porque nossos mercados são cativos. O grande estímulo foi o aumento da taxa de investimento e do consumo interno.

— Segundo o instituto Datafolha, cerca de 20 milhões de brasileiros com mais de 16 anos migraram das classes D e E para a classe C nos últimos cinco anos. Só nos últimos 17 meses,

entre julho de 2006 e novembro de 2007, esse número foi de 14 milhões. A classe C representa hoje 49% do total da população. Isso é resultado da política social do governo?

— Não. A política econômica do governo Luiz Inácio — que manteve a inflação decrescente, manteve os preços sob o devido controle e fez que as empresas nacionais e internacionais comessem a acreditar que o governo era sério — foi fundamental para fazer que essas pessoas subissem de classe. Eles não subiram por causa do Bolsa Família. Esse programa apenas sustenta os membros da classe E dentro dela mesma — eram da classe E famintos e, agora, são da classe E não-famintos. Quem melhorou foi a minha secretária, lá em casa, que ganhava um salário mínimo e hoje ganha dois. A política social foi fundamental só para tirar pessoas da miséria absoluta em que elas viviam.

— Então, o que reelegeu Lula não foi a política social?

— Quem reelegeu Lula foram (o então ministro da Fazenda) Antônio Palocci e (o presidente do Banco Central) Henrique Meireles. Quando estourou o escândalo do mensalão, disse que Lula seria reeleito no primeiro turno. O melhor do governo Luiz Inácio foi a equipe econômica que ele arrumou. As equipes econômicas do Banco Central e do Ministério da Fazenda, com o Palocci, eram equipes de mão cheia. E a qualidade da equipe econômica fez que o povo brasileiro decodificasse aquela atuação como algo que o afeta diretamente. O povo brasileiro entende mais de economia e é mais sensível à situação econômica do que muita gente pensa. Eles sentem como o dinheiro deles rende e como eles conseguem comprar mais, ainda que em 48 vezes.

— A fundação alemã Bertelsmann entrevistou nove mil pessoas em mais de 10 países e descobriu que apenas 11% delas acreditam que o Brasil vai figurar entre as potências mundiais em 2020. Como o senhor avalia o potencial econômico brasileiro?

— Se ser grande potência é figurar entre os maiores PIBs do mundo (entre US\$ 10 trilhões e US\$ 15 trilhões) até 2020, pode esquecer. Mas, se potência for um país que mantém o PIB variando em 2,5% e 4% e tem um grau de miserabilidade reduzido a 30% da nossa população, acho que dá. Chegar, em 13 anos, ao

“
A política econômica do governo Lula foi fundamental para fazer que pessoas subissem de classe. A causa não foi o Bolsa Família

“
O melhor do governo Luiz Inácio foi a equipe econômica que ele arrumou. Fez tudo ao contrário do que a tradicional cartilha petista dizia.

que os Estados Unidos ou o Japão têm é um projeto difícil para o Brasil. A própria China chegou a esse patamar depois de crescer 10% anualmente durante 25 anos. Para chegarmos aí, o Brasil teria de crescer 10% ao ano durante 20 anos. Nas condições de infraestrutura que temos hoje, não é possível crescer assim.

Se a condução da política econômica do governo Lula dependesse de um terceiro mandato, o senhor apoiaria a candidatura?

— Não apoiaria o terceiro mandato de ninguém, muito menos, o do Lula. Ele fez o trabalho dele, teve oito anos para fazê-lo. Não acredito que o Estado brasileiro consiga suportar mais quatro anos da insensatez administrativa desse governo. Existem ministérios deste país que não funcionam há seis anos. Só excludo a beleza do Ministério da Fazenda (que piorou muito com a chegada do Mantega). O Ministério do Meio Ambiente é um horror, não faz nada. Se você me disser o que o Ministério das Cidades fez até hoje, eu te dou um prêmio. O Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio foi muito bom no primeiro ano, mas sumiu no segundo. O de Transportes é corrupção pura e simples. Se olhar em volta, você pinça dois ou três ministérios que funcionam. O Brasil não merece mais quatro anos disso.

— Já é possível dizer que a economia brasileira se estruturou de tal forma que independe do governo que virá?

— A Itália, que é uma confusão histórica (e lembra muito o Brasil), tem uma das maiores economias do planeta. Sem entender por que, pedi uma explicação há alguns anos a um economista italiano chamado Giovanni Dosi, e ele me disse que os segmentos produtores da Itália conseguiram blindar a economia italiana da política. Quer dizer, os partidos mudam, entra o Berlusconi com um monte de irregularidades, mas a parte econômica do país continua arrumada. Estou com impressão de que começamos a ter o mesmo tipo de arranjo no Brasil. Vamos ter políticos, o que é importante, e decisões políticas que influenciam a economia, mas, quando elas saírem do controle, a economia continuará andando, sem espaço para a politicagem safada. Só assim se explica que, mesmo com o escândalo do mensalão e com o caso Calheiros, a economia andou.